

DANCE: O LANCE DO DADO. Uma pesquisa em arte e em escrita.

Maria Beatriz de Medeiros (mbm@unb.com.br)

(lattes.cnpq.br/9031896312815301)

Mariana Brites (oimarianabrites@gmail.com)

(lattes.cnpq.br/0752129336517481)

RESUMO

Pensar a performance e seus espaços de in-definição considera imprevistos e acasos? O espaço da escrita sobre performance é pensado. E o presente texto roça a poesia: dança no jogo e lança dados. Isto, a partir da recente prática do grupo de Pesquisa Corpos Informáticos.

Palavras-chave: Performance, fuleragem (*sic*), dança, lance de dados.

1ª FACE DO DADO

A performance não é ficção nem representação. Ela não apresenta, ela *presenta*, presentifica, dança, lança dados e torna presente o acaso. A arte pode ser ficção. A performance à qual nos referimos não é ficção: ela joga na cara o real irredutível a representações. Daí resulta a dificuldade de transformar em linguagem aquilo que é gás: puro movimento que não senta, não se acentua nem pode ser sossegado.

Corpos Informáticos¹ formou-se em 1992 em Brasília com alunos, técnicos e professores de artes visuais, artes cênicas, arte computacional, videoarte. Um grupo, um conjunto de pessoas, ou pessoas em conjunto:

¹ Desde 1992, o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos realiza pesquisa em arte, performance, intervenção urbana, videoarte, web-arte, telepresença. Por momentos, a pesquisa se vincula mais a uma linguagem, por outros, pulula em todas as direções. De fato, com o apoio do CNPq e com bolsas da Universidade de Brasília, podemos sempre ser muitos e muitos, naturalmente, e muito fazer. www.corpos.org; www.corpos.blogspot.com.br; [vimeo/corpos](https://vimeo.com/corpos); www.facebook.com/CorposInformaticos

Corpos Informáticos: Bia Medeiros, Bárbara Viana, Camila Soato, Diego Azambuja, Jackson Marinho, João Quinto, Márcio H. Mota, Maria Eugênia Matricardi, Mariana Brites, Mateus de Carvalho Costa, Natasha de Albuquerque.

reuniões, estudos, experiências, gravações, discussões, muita festa e alguma briga. Trata-se de uma necessidade de pensar o corpo frente às tecnologias. Que corpo? Que tecnologia (s)? Que banho de tecnologia leva o corpo? O que resta? O que se lança? Aqui se lança um texto que dança por entre os dedos de membros do Corpos.

2ª FACE DO DADO

Como imaginar uma existência desconsiderando os fatores externos e as causas de aleatoriedade? Ou ainda, como pensar a performance e seus espaços de in-definição sem considerar os imprevistos e acasos? O espaço da escrita sobre performance também deve ser pensado. E o presente texto roça a poesia.

Fatores criam bifurcações para os caminhos planejados. Enfatizam a performance como espaço híbrido de dúvida e criação. A dúvida duvida de tudo, deixa distantes certezas absolutas e dissolve verdades que se creem solidificadas, ela move a criação tornando-se vento para os movimentos. A dúvida dança os conceitos e gera novas perspectivas de um mesmo fato, ato, lance.

Movido pela dúvida e pela possibilidade do acaso foram (e ainda são!) criados, jogados e ritualizados vários jogos - dados, tarot e cartas - afim de determinar o destino. Em Corpos Informáticos, dados multifacetados dançam, desfilam, desafiam o caso entre o aleatório e o aqui-agora. No entanto, o caso, acaso, ocaso quer redimensionar os ditos, os chamados, os pré-destinados em alteridades. Trata-se de criar diferenças.

Assim, embaralhando as palavras, deixamos de lado o “aqui e agora”. Para o “aqui” propomos pensar o “cá”: nesse lugar. E a palavra “cá” é tão rica/pobre, grande/pequena, macho/fêmea que se permite ser o começo de muitas. Em Tupi, Caá:

caa, caá, ka'a, kaá — mata, mato, folha, planta;
ka'agwy — mata, bosque, floresta;
caapii, capim — de folha miúda, mato fino, folha delgada
caaty — pasto

E para o “agora” propomos o “já”: agora mesmo, logo, imediatamente. Em português as palavras iniciadas em “já” também nos levam para o meio da selva: jaguatirica, jabuticaba, jamanta, jacarandá, jasmim e jamelão. Com o “cá” e com o “já” encontramos o cajá e a jaca. Interessa, partir do Brasil, pensar a brasilidade esquecida, escamoteada pela elite que se quer descendente de europeus esquecendo nosso pé na África, nossas raízes indígenas, o nós caboclo, mestiço, cafuzo.

Interessa para a performance, que o Corpos Informáticos entende com fuleragem, o sabor das frutas e o deguste como prazer instantâneo, mixuruca, não programado. Aproximando os conceitos das frutas, da nossa vivência, do duro da vida (SERRES, 2005) podemos entender/questionar/manipular³ melhor os mesmos, a partir da dança, da brincadeira, do jogo, do lance de dados e do grupo.

O destino, a sorte, os imprevistos, os cuidados, tudo, percebido de forma múltipla – interior e exterior, maior e menor, aberto e fechado, dependendo do ritmo: performance e/ou fuleragem.

O conceito de *fuleragem* não busca definição exata. Este converge com a indisciplina da linguagem performática, no entanto, despreza a estratificação de um conceito sedentário e acadêmico, prefere à precariedade, a gambiarra, o nomadismo vagabundo que transita, trai e contamina. Política lúdica que se faz além do discurso. Esta visa romper os limites do corpo na brincadeira, na percepção de mundo da criança nietzschiana que cria para si novos conteúdos simbólicos, inventa outros conceitos a fim de reinterpretar o mundo com um olhar fresco, revigorado por sua própria lógica de sensações. O corpo cria outras qualidades de pensamento, para isso é melhor estar com as mãos sujas de terra

² http://www.girafamania.com.br/girafas/lingua_guarani1.htm

³ Manipular, relativo a manípulo. “Manípulo”: “feixe de ervas, de flores, ou de qualquer coisa semelhante, que a mão pode abranger formando um arco com os dedos polegar e indicador”. AURÉLIO, p.886)

e boca lambuzada de manga. (MATRICARDI, 2012)⁴

O dado não está dado, jogado ele não procura a sorte, mas o azar. O *hasard*, em francês, exprime a incapacidade de prever com certeza algo, a incapacidade de prever o que virá. Seu sinônimo em português é “imprevisibilidade”.

Corpos Informáticos joga, há muito tempo, brincadeiras de grupo, as deslocando de seu lugar de costume para compor o cotidiano da cidade. Com cordas faz pular a travessia do semáforo⁵, a Amarelinha Binária⁶ encolhe o espaço para chegar do outro lado da rua ao mesmo tempo em que dilata o tempo da travessia, um balanço instalado na rodoviária⁷ é um convite escancarado aos que passam. Corpos Informáticos também já jogou bolinha de gude⁸, plantou kombis e árvores, mas nunca tinha jogado dados, nem os agigantado. Todas as “brincadeiras” são mais do que o conjunto de regras em si, que nem existem. As brincadeiras estreitam o lance da dança dos corpos, do Corpos e o espaço que ocupam geram desvios na rotina urbana.



Kombeiro por Corpos Informáticos. L4 Norte, Brasília, 2011-2013.

⁴ Maria Eugênia Matricardi é membro do Corpos Informáticos desde 2011.

⁵ <https://vimeo.com/78764534>

⁶ <http://corpos.blogspot.com.br/2012/04/amarelinha-binaria-funarte-sp-2011.html>

⁷ <http://corpos.blogspot.com.br/2008/09/gpci-1996-balano-na-rodoviria-milton.html>

⁸ <http://www.youtube.com/watch?0076=64AJshypwnc&feature=related>

3ª FACE DO DADO

Un coup de dés jamais n'abolira le hasard (Um lance de dados jamais abolira o azar) é poema de Stéphane Mallarmé, datado de 1897. Foi publicado, em 1914, na **La Nouvelle Revue française**. Composto de versos livres é um dos primeiros poemas tipográficos. Mas sua formatação, assim como a formatação do livro **Glas** de Jacques Derrida, ainda não fez o mundo caminhar até o cá-já e nos permitir um texto mais solto, roto, bizarro: jaca.



Un coup de dés jamais n'abolira le hasard
Stéphane Mallarmé
<<http://www.harpreetkhara.com/archives/14739>>
acesso em 28/out./2013

Deux passages très déterminés, partiels, particuliers, deux exemples. Mais de l'essence l'exemple se joue peut-être.

Premier passage : la religion des fleurs. Dans la *Philosophie de l'esprit*, le développement de la religion naturelle a comme toujours la forme d'un syllogisme : le moment médiat, « la plante et l'animal », comporte une religion des fleurs. Celle-ci n'est pas même un moment, une station. Elle s'épaise presque dans un passage (*Übergehen*), un mouvement évanescent, l'effluve flottant au-dessus d'une procession, la marche de l'innocence à la culpabilité. La religion des fleurs serait innocente, la religion des animaux coupable. La religion des fleurs (l'exemple factuel) viendrait d'Afrique, mais surtout de l'Inde ne reste pas, ou à peine, elle procède à sa propre mise en culpabilité, à sa propre animalisation, au devenir coupable et donc sérieux de l'innocence. Et cela dans la mesure où le même, le soi-même (*Selbst*) n'y a pas encore lieu, ne se donne, encore, que

« Die Unschuld der Blumenreligion, die nur selbstlose Vorstellung des Selbst ist, geht in den Ernst des Künftigen über, in die Schuld der Tierreligion, die Ruhe und Chronos der anwachsenden Individualität in ein zerstörtes Fortschreiten über. »

la culpabilité de la religion des animaux; la quietude et l'impuissance de l'individualité contemplative passe dans l'être-pour-soi destructeur. »

Deuxième passage: toujours regardé de côté vers l'Inde pour suivre ce passage égypto-chinois, qui passe très mal, entre l'Extrême-Occident et l'Extrême-Orient. L'Inde, ni l'Eurasie ni la Chine. Sorte de goulet d'étranglement historique. Ressort comme Gibraltar, « roc solide et défensif », colonne d'Hercule dont l'histoire appartient à celle de la route des Indes. En ce détroit un peu lointain, le commerce qui ouvre sur l'Inde se défendait jadis. Le port riche et à l'ouest change de nom, adramite. Le promontoire s'est appelé Pône Cape, Notre-Dame-de-Pône, Djebel Tarik (Gibraltar)

qui se dressait alors en l'air, « presque aussi grand que le reste du corps ». A l'origine, donc, les colonnes phalliques de l'Inde, énormes formations, piliers, tours, plus larges

L'autre — laisse tomber le reste. Risquant de revenir au même. Tombe — deux fois les colonnes, les tombes — reste.

Peut-être le cas (*Fall*) du seing.

Si *Fall* marque le cas, la chute, la décadence, la faillite ou la fente, *Falle* égale piège, trappe, collet, la machine à vous prendre par le cou.

Le seing tombe.

Le reste est indécidable, ou presque : non par approximation empirique mais à la rigueur indécidable.

* *Cotichée*, s.f. Tresse par laquelle un mot détourné de son sens propre est accédé dans le langage commun pour désigner une autre chose qui a quelque analogie avec l'objet ou l'esprit d'abord; par exemple, une langue, parce que la langue est le principal organe de la parole articulée; une glace [...] une feuille de papier [...] l'est aussi par cotichés qu'on dit - ferré d'argent; aller à cheval sur un bâton. [...] 2. Terme de musique. Dissonance dure et injuste. F. Karszena, abus de nasal, contre, et xphère. 1848.

Cataphoré, s.m. Estrade élevée, par honneur, au milieu d'une agisse, pour recevoir le cercueil ou la représentation d'un mort [...] E. est cataphoré: ha-ha, tomfool, cataphoré, cataphoré, cataphoré, cataphoré, cataphoré, cataphoré. Cate est selon Du Cange le basileo catus, machine de guerre appelée chat d'après l'animal; et selon Diez catus, voir, regarder; du reste, finalement, ces deux étymologies se confondent, vu que catus, chat, et catus, regarder, ont le même radical. Reste fatic, qui, vu les variantes du latin où le p se montre, ne peut être que le mot germanique *falt* (voy. *balcon*). *Cataphoré* est le même mot que *échafaud* (voy. ce mot).

Catagolisme, s.m. Terme de littérature ancienne. Emploi de mots recherchés. E. Karszena, de nasal, indiquant recherche, et yadema, mot, langue (voy. *gloss*). » LITRÉ.
Les ALC s'annoncent, s'annoncent, défilent, se réfléchissent et se restaurant dans tous les sens, comptent et se décomptent, ouvrent — ici — dans la pierre de chaque colonne des sortes de judas incurvés, créneaux, jalouses, meurtrières pour voir à un pas sa laisser emprisonner dans le colosse, tatouages dans la peau plissée d'un corps

Glas. Jacques Derrida
<<http://www.unicamp.br/~hans/mh/intersec.html>>
acesso em 28/out./2013

“O resto é indizível, ou quase: não por aproximação, mas rigorosamente indecidível.” (DERRIDA, 1974, p. 8). Corpos Informáticos recortam e reinventam os próprios conceitos e também os aliados, para que, em um lance de dados se cruzem: pronóia, Composição Urbana (CU), ERROR, 1992, 404, desvio, multi, pró-pós-tá, late, errante, lance, afectos, mar(ia-sem-ver)gonha, !, ?, cor, anti, devir, mmm, Kombi, **Kombeiro**⁹, **Kombunda**¹⁰. Decupadas e lançadas, as palavras formadas trazem significados ainda não inventados para que sejam ca-já repensados, assados ao forno sem maionese, sem ketchup, com urucum, amora e açaí.

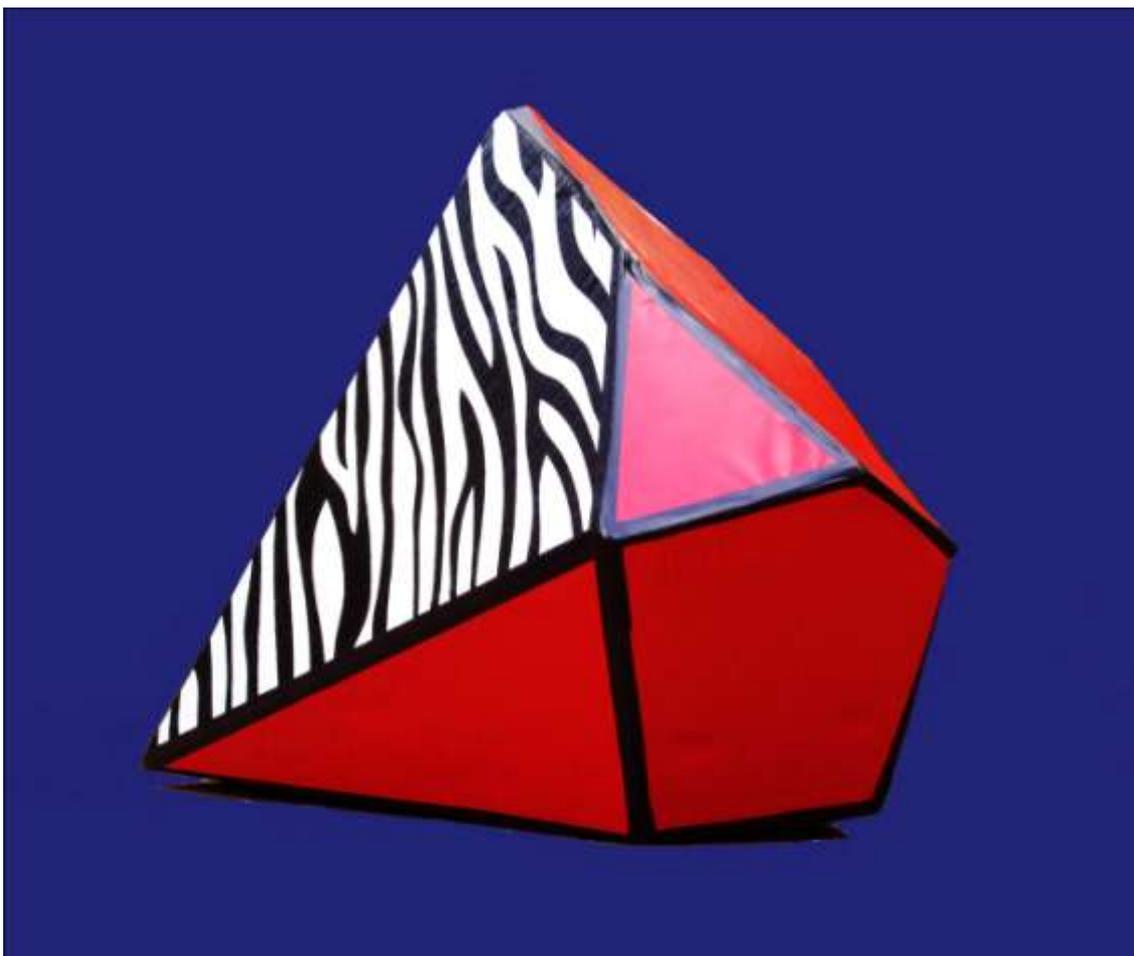
Todo pensamento é um *Fiat*, emite um lance de dados: construtivismo. Mas é um jogo muito complexo, por que o lançar é feito de movimentos infinitos reversíveis e dobrados uns sobre os outros, de modo que a queda só ocorre em velocidade infinita, criando as formas finitas que correspondem às ordenadas intensivas destes movimentos: todo conceito é uma cifra que não preexistia. (DELEUZE & GUATTARI, 1991, p.100)¹¹

⁹ Referência à Composição Urbana realizada com 6 Kombis na L4 Norte, Brasília, de novo **Kombeiro**.

¹⁰ Referência à fotografia **Kombunda**, por Corpos Informáticos. Foto: Alexandra Martins.

<http://4.bp.blogspot.com/-swzoZMKUJNs/TdqtlrGBd3I/AAAAAAAAABIK/V2kkllrDljc/s1600/fulerage-21.jpg>

¹¹ Tradução das autoras.



Dado multifacetado. Corpos Informáticos. 2013. Foto: Bia Medeiros

Misturada à confusão das letras surgem vermelho, branco, zebras, pedras ou tijolos nas faces dos dados. Paradoxal, como animal que compõe, a zebra, mesmo quando silenciosa pode ser ativa e avassaladora: o lance de dados é o início do pensamento. E o pensamento, com o sentimento e as sensações, se propõe a ser lance de dados, com os dedos, com o corpo todo que dança. Dessa forma, mas não nessa forma, somos dados, sou-dado, cu-e-dados. O dado é fundado no lance. Lança sensações. Desbloqueia os blocos (oximoro), os corpos, o acaso, os informáticos.

O objetivo da arte, por meio dos materiais, é de arrancar o percepto às percepções de objeto e aos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto às afecções como passagem de um estado a um outro. Extrair um bloco de sensações, um puro ser de

sensações. (DELEUZE & GUATTARI, 1991, p.158)¹²

O dado multifacetado se agiganta e nos engole. De dentro, a sensação do deslumbre, de um invólucro de proteção, algo uterino, no meio da rua torna-se uma proteção forte: inventiva.

Corpos montam estruturas o dia inteiro colocando força, afeto e conceito em tudo. E recebendo, também, dos objetos criados, seus imprevistos, instintos plastificados e dança. Essa troca tem sabor de encontro regado à comida coletiva.

Do bambu ao papel contact, da visão para as câmeras HD, nos tornamos Modernos Primitivos sem perceber. Caímos na ciranda que nós mesmos construímos, nos empoleiramos nas janelas para ver a chuva imprevista e logo surgem outros corpos que dançam infláveis e (in)falíveis partituras para a chuva.



Bloco de sensações. Corpos Informáticos. 2013.
Performer: Diego Azambuja. Foto: Mateus de Carvalho Costa

¹² Tradução das autoras.

Se corpos se abrigam na possibilidade do dado: será caso ou acaso? Nós nos jogamos no acaso de construir dados do lance, que de relance reinventaram toda a estrutura planejada.

O plano passa pelo acaso. Há caso? Sem descuidar, o envolvemos em nós mesmos para frutificar, colar ideias e sensações já-cá. De dentro da possibilidade, do dado multifacetado, cada experiência é única: são mais sinestésicas do que descritivas. Sugerem uma imersão na bolha, ali de dentro o que pulsa no seu corpo? Movimentar essa geringonça composta de tecnologias *mixurucas*, de fácil acesso, é expandir o próprio corpo e também deformá-lo. Se colocar no infindo: deposição, com-posição, deportação para o outro da escrita. Os corpos abrigados de instante compõem poesias afundadas no lance, rizomas estendidos entre corpos, brincam com o som das palavras. Transformando as palavras em dados sonoros:

ACASO, OCASO OU EM CASA:
DANCE O LANCE DO DADO
MULTIFACETADO
MULTI: LANCE O DADO ALADO
ARROTADO O RESULTADO TÁ DADO,
VÁ COM CU-E-DADO.
DADO DARDO DAR DOR AR DOR RODAR
O DEDILHAR DE DADO ADAPTADO.
A CAVALO DADO NÃO SE OLHA OS DENTES!
DADOS MUDOS MUDAM:
LANCEI O BLOCO DE DADOS E O DEDO NÃO DOEU,
DONA CHICA ADMIROU-SE DO RESULTADO QUE O
DADO LHE DEU.
O SOLDADO, SONDADO, DIZ: “SOU DADO”.
A MULHER RODADA É DADA, DADAÍSTA.
DADÁ ME DEU UM DADO, DO DADO DE DADÁ SAI A
NUANCE DO LANCE.
LANÇA O DADO DO ACASO.
DISSE O DADO: “DICIONÁRIO”
NO DADO É INFUN-DADO O RESULTADO.¹³

AS OUTRAS 8 FACES DO DADO (SÃO 11 OS MEMBROS DO CORPOS INFORMÁTICOS, SÃO 11 OS SENTIDOS, 11 AS FACES DO DADO)

Que importa, então, o que a face do dado deu? Importa se pré-ocupar com a fuleragem que enxuta chupa o cá-já e a já-cá. Traz uma arte que deixa

¹³ Texto coletivo por Corpos Informáticos para performance **Lance de dados**, no evento *Incorpora*, promovido pelo Coletivo Osso, Salvador, 30 de agosto de 2013.

mudo: não busca entender, mas derreter os conceitos, perder a chance, encontrar o aleatório, ir-sem-ver e se deliciar pelo caminho. O destino se esvai, sem fim, ficam os dados e a possibilidade de lance. Silêncio e espreita. Os resultados do lance valem tal qual seu percurso de queda, são somatizados um ao outro. O meio, o ar, o que passa durante a queda e a própria ansiedade pelo resultado tudo compõe o fim não é findado em si: lança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Qu'est-ce que la philosophie**. Paris : Minuit, 1991.

Derrida, Jacques. **Glas**. Paris: Galilée, 1974. Disponível em:
<www.unicamp.br/~hans/mh/intersec.html>. Acesso em 28/out./2013

MALLARME, Stéphane. **Un coup de dés jamais n'abolira le hasard**. Disponível em:
<www.harpreetkhara.com/archives/14739>. Acesso em 28/out./2013

MATRICARDI, Maria Eugênia. Fuleragem. **Superfície do Sensível**, Brasília: 2012. Disponível em: <superficiadosensivel.wordpress.com/category/fuleragem>. Acesso em 11/Nov. /2013.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Paris: Grasset, 1995.

HOLANDA, A.B. **Novo Dicionário Aurélio**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SOBRE AS AUTORAS

Maria Beatriz de Medeiros possui graduação em Educação artística pela PUC-RJ, mestrado e doutorado na Université de Paris I, pós-doutorado em Filosofia no Collège International de Philosophie, Paris. Atualmente é professora associado 4 da Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 1992 (www.corpos.org). Pesquisadora 1C do CNPq (2008-2011 e 2011-2015). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arte-UnB (2003-2004; 2011-2013).

Mariana Brites possui graduação em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. É atriz, performer poeta e pesquisadora de Artes Combinadas. Desde 2010 é integrante do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos e trabalha em parcerias com outros artistas do Brasil e atualmente compõe também a dupla Tete-A-Teta em parceria com Alexandra Martins.